XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

A CARACTERIZAÇÃO DA BRINCADEIRA DE PAPÉIS SOCIAIS E SUAS IMPLICAÇÕES NA ORGANIZAÇÃO DA ATIVIDADE PEDAGÓGICA DO DOCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Juliana Carbonieri
UEL – Universidade Estadual de Londrina
jucarbonieri@gmail.com

Cassiana Magalhães
UEL – Universidade Estadual de Londrina
magalhaes.cassiana@gmail.com

Eixo 1: Educação e Infância

Resumo
A Teoria Histórico-Cultural nos ensina que a atividade que mais promove o psiquismo das crianças de aproximadamente três a seis anos de idade é a brincadeira de papéis. No entanto, nas experiências de estágio e nos encontros de formação com professores da educação infantil, o que menos evidencia-se são o tempo e o espaço destinados às brincadeiras. Partindo desta problemática, este estudo teve como objetivo articular de que maneira o professor pode organizar a atividade da criança, tendo em vista derivar implicações pedagógicas para a organização do ensino. Este trabalho parte de uma revisão bibliográfica sobre a temática com destaque para atividade no período da idade pré-escolar. São discutidas possibilidades de práticas pedagógicas para a promoção do desenvolvimento das crianças com evidência ao papel intencional do professor na organização de tais práticas. Os resultados revelaram que a compreensão por parte dos professores acerca da brincadeira de papéis sociais, possibilita a liberdade de reflexão sobre as ações pedagógicas necessárias para organizar tempo, espaço, ampliar os repertórios e criar as condições adequadas para que a brincadeira aconteça.

Palavras-chave: Brincadeira de papéis sociais; Educação Infantil; Formação de professores.

Introdução

Aprendemos com a Teoria Histórico-Cultural, que a atividade guia[1] das crianças de três a seis anos de idade, aproximadamente, é a

[1] Esse termo foi traduzido no Brasil como atividade dominante ou principal, o que, de acordo com Prestes (2012), distorce a ideia de Vigostski, posteriormente desenvolvida por Leontiev e Elkonin sobre as forças que movem o desenvolvimento psíquico da criança, sendo assim, atividade guia a tradução mais coerente com o que prediz a teoria da atividade.

brincadeira de papéis sociais. No entanto, o que menos vemos nas instituições de educação infantil é tempo e espaço destinado à brincadeiras.

Por que será que isso acontece?

Essa preocupação passou a tomar corpo e se tornar mais constante e consistente por meio das observações decorrentes do Estágio Supervisionado na Educação Infantil, que nos coloca diretamente com o dia a dia da atividade pedagógica com as crianças dessa faixa de idade nas instituições.

Neste sentido, este artigo é resultado de uma pesquisa de iniciação científica desenvolvida no decorrer dos meses de agosto/2018 a julho/2019 na Universidade Estadual de Londrina que desafia-se a pensar não somente a atividade guia e sua importância nas conquistas no psiquismo infantil mas, essencialmente, as implicações da Teoria Histórico-Cultural para pensar e agir com as crianças nas instituições. Com o **objetivo central** de articular de que maneira o professor pode organizar a atividade da criança, tendo em vista derivar implicações pedagógicas da compreensão histórico-cultural do desenvolvimento infantil para a organização do ensino. Espera-se contribuir com o debate acerca do desenvolvimento infantil e, especialmente com o trabalho realizado nas instituições e escolas que atendem crianças de três a seis anos de idade.

O texto está organizado inicialmente na discussão do que é atividade guia e qual é esta atividade no período da idade pré-escolar. Neste contexto, abordaremos também a questão em torno da tradução dos termos utilizados pelos pesquisadores brasileiros e como é importante considerar isso ao se tratar de um texto da Teoria Histórico-Cultural. Em seguida, faz-se necessário discutir sobre o papel do professor frente à atividade da criança. E, por fim, são discutidas possibilidades de práticas pedagógicas para a promoção do desenvolvimento das crianças em idade pré-escolar, destacando essencialmente o papel intencional do professor na organização de tais práticas.

Metodologia

Este estudo subsidiou-se na Teoria Histórico-Cultural por meio de uma pesquisa bibliográfica, em uma abordagem qualitativa. Para Gil (2010, p. 30), “a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente”. Assim, organizamos a pesquisa em três momentos: a) elaboração do projeto; b) coleta e investigação dos dados e c) síntese integradora (artigo).

A seleção do material bibliográfico foi realizada com o intuito de abordar leituras dos autores clássicos da Teoria Histórico-Cultural que tratam da temática da brincadeira de papéis sociais como atividade guia do período da idade pré-escolar (ELKONIN, 1960, 1987, 2009; LEONTIEV, 2016; MUKHINA, 1996), bem como autores contemporâneos (BRIGATTO, 2018; LAZARETTI, 2008, 2016; MELLO, 2015; PASQUALINI, 2013, 2014; PRESTES, 2012) que discutem a temática e derivam implicações pedagógicas acerca da referida teoria. Desta forma, foi possível realizar a análise crítica dos textos selecionados, bem como a síntese integradora, visando responder ao questionamento supracitado, além de derivar possibilidades de práticas pedagógicas para a promoção do desenvolvimento infantil, destacando o papel fundamental do docente da educação infantil.

Referencial teórico

A brincadeira de papéis sociais como atividade guia do período da idade pré-escolar

A compreensão acerca da Teoria Histórico-Cultural implica, necessariamente, a compreensão do tempo e espaço no qual a mesma se desenvolveu. Como afirma Prestes (2012), para sabermos de que maneira um pensador criou no seu campo de atuação, precisamos saber a época em que viveu, bem como o contexto social e histórico de seu país, de seus colaboradores e até mesmo de sua personalidade.

É importante ter essa ideia em mente, toda vez que iniciarmos a leitura de um texto que nos traz contribuições de princípios teóricos, assim

como os escritos da Teoria Histórico-Cultural. Ao considerar que os princípios são balizadores de uma prática pedagógica, cabe aos pedagogos, o exercício da reflexão sobre os princípios didáticos que condizem com a teoria e, simultaneamente, com o tempo e espaço no qual nos encontramos atualmente. Como aponta Mello (2015, p. 2):

> No entanto, sua contribuição é teórica, uma vez que apresentou diretrizes mas não apontou procedimentos mediadores que concretizem essas concepções. E é preciso, pois, compreender essa contribuição teórica para, com ela, analisar criticamente a prática e transformá-la.

A autora cita esse trecho quando está explicando sobre as contribuições teóricas de Vigotski e sua contribuição para a educação da pequena infância. Adicionalmente poderíamos citar outros autores da Teoria Histórico-Cultural e suas contribuições teóricas, mas para fins deste artigo, tomaremos como exemplo, Elkonin (2009), quem sistematizou os princípios psicológicos da brincadeira de papéis sociais em seu livro “Psicologia do Jogo”.

Inegavelmente esse livro traz contribuições essenciais para a compressão da atividade guia no período da idade pré-escolar, contudo, problemas na tradução têm causado interpretações, muitas vezes, errôneas ou mesmo que não condizem com a própria Teoria Histórico-Cultural (PRESTES, 2012). Além disso, os termos brincadeira e jogo possuem sentidos diferentes, o que pode adicionalmente levar a um erro de interpretação da própria teoria (LAZARETTI, 2008).

Nesse contexto, Lazaretti (2008, p. 18), explica sobre os termos utilizados e suas implicações na tradução dos textos de Elkonin:

> [...] diferenciar brincadeira e jogo não é uma tarefa fácil. [...]. Essa tarefa torna-se ainda mais dificultosa quando tomamos os termos de outro idioma e observamos que não há uma diferenciação clara e a tradução não se ateve a isso também. Essa afirmativa se remete à terminologia usada por Elkonin e à tradução do livro *Psicologia do Jogo*[2] (1998): jogo protagonizado e jogo de papéis são as duas formas que se encontram no livro, embora prevaleça a primeira opção. Esses

[2] Este livro se encontra em sua segunda edição ELKONIN (2009). Como a dissertação é anterior a esta publicação, a autora utiliza a edição de 1998. Contudo, salientamos que não houve alteração na tradução do manuscrito, mantendo-se o mesmo texto em ambas edições.

> termos foram traduzidos primeiramente do russo para o espanhol, e deste para o português. Diretamente do russo, esse termo é *Rolevoii Igri* que literalmente traduzido significa *Jogo de Papéis*. Ousamos afirmar que o estudo de Elkonin, na verdade, pauta-se sobre *a psicologia da brincadeira*. A palavra *Igra* pode ser jogo, brincadeira, brincar, tal como a palavra *play* no inglês.

A autora acrescenta:

> Ao ler Leontiev (1988b), encontramos algumas diferenciações que acreditamos ser coerentes com os pressupostos de Elkonin: brincadeira é caracterizada por seu alvo residir no próprio processo e não no resultado da ação. Uma criança que brinca com cubos de madeira, seu objetivo não é construir uma estrutura, mas em *fazer*, isto é, no conteúdo da própria ação.

Em contrapartida, Mello (2008 *apud* LAZARETTI, 2008, p. 18) ressalta "no jogo, o alvo se encontra no resultado da ação e, portanto, sempre são dotados de regras explícitas, determinadas e já estabelecidas historicamente em diferentes sociedades.

Tendo isso em mente, nos atentamos para a atividade guia do período da idade pré-escolar e suas especificidades. A brincadeira de papéis sociais é a atividade guia do período da idade pré-escolar que vai, aproximadamente, dos 3 aos 6 anos de idade. Segundo Leontiev (2016), a atividade guia se caracteriza por formar e reorganizar os processos psíquicos; é a atividade que desempenha um papel fundamental nas mudanças psíquicas das crianças em determinados estágios do desenvolvimento. Ademais, em relação às fronteiras etárias, o autor (2016) postula que as mesmas são determinadas pelas condições históricas concretas de vida, portanto, não são fixas.

Importante destacar que a brincadeira de papéis sociais nasce no interior da atividade objetal manipulatória como linha acessória do desenvolvimento e adquire caráter dominante no período da idade pré-escolar, sendo guia das transformações psíquicas do mesmo (LAZARETTI, 2016). A autora enfatiza que "na ação e manipulação com objetos, na primeira infância, está o embrião da brincadeira de papéis sociais" (LAZARETTI, 2016, p. 130).

É notório que, a brincadeira de papéis não surge de maneira espontânea quando a criança adentra o período da idade pré-escolar mas, os períodos anteriores do desenvolvimento infantil, a saber, o primeiro ano de vida e a primeira infância possuem extrema relevância para a gestação desta

atividade. As premissas para o surgimento da brincadeira de papéis sociais são dependentes das ações intervencionais do adulto e se iniciam ainda na primeira infância, no entanto, para que a brincadeira de papéis sociais se constitua, de fato, em fonte de desenvolvimento psíquico, o adulto deve criar condições para que o seu conteúdo desafie as capacidades já formadas na criança e mobilize funções que estão na iminência de acontecer (ELKONIN, 2009; PASQUALINI, 2014; LAZARETTI, 2016).

De acordo com Elkonin (2009), a brincadeira de papéis sociais é uma atividade especificamente humana e tem caráter histórico. Sua gênese está intimamente ligada ao desenvolvimento da sociedade, em decorrência da mudança de lugar que a criança ocupa nesta. É por meio da brincadeira que a criança tem acesso ao mundo em sua objetividade social. Elkonin (2009) preconiza que o conteúdo fundamental da brincadeira de papéis sociais é a atividade do homem e as relações sociais estabelecidas entre os adultos.

> […] o objeto da atividade da criança no jogo é o adulto, o que o adulto faz, com que finalidade faz e as relações que estabelece, ao mesmo tempo, com outras pessoas. Daí pode-se inferir hipoteticamente as motivações principais do jogo: agir como um adulto. Não ser adulto, mas agir como um adulto (ELKONIN, 2009, p. 204).

O papel e as ações dele decorrentes constituem a unidade fundamental da brincadeira. O papel social é, portanto, o elemento mínimo que contém as características essenciais da brincadeira de papéis. Fato esse, primordial para compreender como a brincadeira age, enquanto atividade guia deste período, na mudança qualitativa do psiquismo infantil visto que, cada papel oculta determinadas normas de ação ou de conduta social. Ao subordinar-se, de forma voluntária, às normas de conduta e relação social implícitas ao papel assumido na brincadeira, a criança avança na direção do desenvolvimento do autodomínio da conduta (ELKONIN, 2009; PASQUALINI, 2014; PASQUALINI; EIDT, 2016).

Assim, toda brincadeira de papéis contém alguma regra latente, fato este evidenciado que durante a brincadeira reestrutura-se substancialmente a conduta da criança, tornando-se arbitrada, por isso Elkonin

(2009, p. 420) é categórico ao afirmar que “o jogo é escola de conduta arbitrada”. Importante ressaltar que o autor entende a conduta arbitrada, como aquela que “não se caracteriza apenas pela presença de um modelo, mas também pela comprovação da imitação do modelo” (ELKONIN, 2009, p. 420).

Da mesma forma, Leontiev (2016, p. 133) afirma, “quando uma criança assume o papel em uma brincadeira, [...] ela se conduz de acordo com as regras de ação latentes a essa função social”. Apesar da aparente liberdade da criança durante a brincadeira de papéis, as regras implícitas decorrentes do papel social que a criança representa dirigem o comportamento infantil. Como consequência, aprende a conter seus impulsos imediatos, desenvolvendo a capacidade de dominá-los enquanto se estende a situação lúdica. Portanto, como preconiza Elkonin (1987, p. 95), “podemos dizer que a liberdade da criança no jogo é liberdade só nos limites do papel assumido”.

As normas internalizadas por meio da brincadeira de papéis sociais contribuirão para o autodomínio da conduta, tão necessário para a vida escolar posterior, sendo considerado como um dos aspectos essenciais da preparação psicológica da criança para a aprendizagem, visto que, a atividade de estudo exigirá da criança uma relação consciente e intencional para com os conteúdos escolares (PASQUALINI, 2014, LEONTIEV, 2016).

O papel do professor na brincadeira

Há muito tem-se visto, no campo do debate acerca da prática pedagógica na educação infantil e suas implicações que, as ideias difundidas com bases biologizantes/naturalizantes que incutiram a ideia da não intervenção do professor nas brincadeiras das crianças, vêm sendo amplamente rebatidas com o advento da Teoria Histórico-Cultural na qual a criança é co-protagonista e ativa do seu processo de desenvolvimento, sem desmerecer o lugar primordial do professor na transmissão do conhecimento e na promoção do encontro com a cultura.

Considerando a tríade criança-professor-cultura, a Teoria Histórico-Cultural destaca o triplo protagonismo como central para o desenvolvimento infantil (SOUZA; OLIVEIRA; CRUZ, 2018). Nesse sentido, a

intervenção do professor deve ser considerada, de maneira objetiva e intencional, com vistas ao desenvolvimento psíquico infantil.

Elkonin (2009) explica que o desenvolvimento e a evolução dos níveis da brincadeira de papéis se dá, graças à direção dos adultos. O autor é enfático em defender que a brincadeira não surge de modo espontâneo, mas em decorrência da educação. Os adultos auxiliam a criança a conhecer determinados aspectos da realidade que irão reverberar na brincadeira, dentre os quais, as particularidades da atividade dos adultos, as funções sociais entre elas e o sentimento social da atividade humana.

Destaca-se a necessidade de enriquecer os conhecimentos e as vivências das crianças. É por meio da realidade social e das relações humanas que se constituem os conteúdos das brincadeiras. Isso porque "quanto mais ampla for a realidade que as crianças conhecem, tanto mais amplos e variados são ou serão os argumentos de seus jogos" (MUKHINA, 1996, p. 157), e, portanto, mais rica é sua atividade. Ademais, Elkonin (1960, p. 513) afirma "o desenvolvimento do assunto dos jogos infantis está em relação direta com a ampliação do círculo de conhecimentos da criança, com o aumento de sua experiência de vida e com a aquisição de um conhecimento mais amplo do conteúdo da vida dos adultos".

É importante destacar que a qualidade da experiência social escolar vivenciada pela criança está igualmente atrelada ao trabalho do professor. Em outras palavras, as experiências podem ser enriquecidas se planejadas intencionalmente pelos professores. Para Pasqualini (2013, p. 90),

> [...] é tarefa da escola de educação infantil ampliar o círculo de contatos com a realidade da criança. É tarefa do professor transmitir à criança conhecimentos sobre o mundo, não só porque a criança tem direito a conhecer o mundo em que vive para além dos limites estreitos de sua experiência individual, mas porque esses conhecimentos serão justamente a matéria-prima da brincadeira infantil.

Nesse sentido, o professor que atua na educação infantil deve intervir e ampliar o repertório da criança quando perceber que as brincadeiras se tornam repetitivas ou monótonas, podendo se inserir na brincadeira como

um personagem (caso convidado pelas crianças) e criar situações problemáticas para aquele contexto.

É certo que os professores da educação infantil, que atuam no período da idade pré-escolar, possuem um papel primordial na promoção das brincadeiras de papéis sociais, desde a organização do tempo e espaço até a ampliação dos repertórios. Partindo da compreensão de que a brincadeira de papéis sociais promove saltos qualitativos no psiquismo da criança, cabe ao adulto destinar um tempo e um espaço no planejamento para que a mesma ocorra. Não é deixar as crianças livres para brincar, mas sim criar condições adequadas para que a brincadeira se realize, com riqueza de materiais, situações e repertórios, desde o planejamento até a concretização da prática pedagógica.

Resultados e Discussão

Implicações Pedagógicas

Nas instituições de educação infantil, o lugar ocupado pelo professor é essencial na promoção da brincadeira de papéis sociais. É ele quem organizará o tempo e o espaço para que a mesma tenha condições de ocorrer. Não basta disponibilizar objetos, materiais e deixar que as crianças explorem apenas livremente, é necessário que o professor apresente às crianças os objetos da cultura e as ensine a forma adequada de explorá-los (PASQUALINI; EIDT, 2016). Para que a criança se aproprie “das qualidades humanas presentes no uso dos objetos e das relações sociais” é preciso estar junto *com*, ou seja, ambos devem estar presente nos processos, adultos e crianças (MELLO, 2015, p. 7, grifo nosso).

Elkonin (2009) apresenta algumas maneiras que o professor poderá intervir na brincadeira de papéis sociais. Importante ressaltar que, o livro se trata de princípios psicológicos acerca da brincadeira, e que as intervenções ali tratadas são experimentais, mas levantam indicadores para pensarmos nossa prática pedagógica. De maneira geral, o autor apresenta possibilidades de direcionar, questionar, intervir e ampliar; são verbos de ação

para o professor poder refletir sobre como agir frente à brincadeira. Outro ponto importante a ser destacado é que Elkonin (2009, p. 302) indica como enriquecer o conteúdo da brincadeira, "[...] a fonte fundamental do enriquecimento do conteúdo dos jogos infantis são as ideias que as crianças têm da realidade circundante; e se não as tem, não se pode levar o jogo a cabo".

Neste contexto e, adicionalmente considerando que, nas práticas pedagógicas do Estágio Supervisionado e nas Jornadas do FEIPAR Pé Vermelho[3], muitos professores reclamam de falta de condições adequadas para a realização das brincadeiras, especialmente, referindo-se aos espaços destinados ao atendimento das crianças, ponderamos ser de suma importância refletir juntos sobre as possibilidades que podem auxiliar na prática pedagógica na educação infantil, para que a brincadeira de papéis sociais – efetivamente – ocorra.

Assim como Mello (2015), consideramos a infância como o tempo em que a criança aprende a ser humano, um tempo no qual a criança se introduz na cultura humana reproduzindo para si as qualidades especificamente humanas que foram criadas historicamente ao longo do tempo, por isso, abomina-se toda e qualquer forma de encurtar a infância por meio de práticas educativas no período da idade pré-escolar que antecipam a escolarização. Viver o tempo e o espaço da educação infantil é essencial para o desenvolvimento das crianças, respeitando suas especificidades e propondo práticas humanizadoras as quais possibilitarão o surgimento da atividade que guiará o desenvolvimento psíquico neste período.

Professores de crianças deste período devem propor vivências que promovam o encontro das crianças com a cultura em suas diversas manifestações, considerando inclusive a cultura mais elaborada (MELLO, 2015). Muitas vezes o espaço da sala de referência parece não ser suficiente, mas cabe ao professor perceber as possibilidades de utilização, também, do espaço externo da instituição. De acordo com Magalhães e Lazaretti (2019, p.

[3] As Jornadas do FEIPAR Pé Vermelho fazem parte do Projeto de Extensão 'Apropriações teóricas e suas implicações na educação infantil' como uma das ações que atende professores e coordenadores atuantes na educação infantil de Londrina e municípios da jurisdição do NRE de Londrina, totalizando 19 municípios - público de aproximadamente 250 professores/ano.

159), “os espaços da sala de aula e de fora dela precisam contemplar momentos que permitam à criança *brincar de representar”* (grifos das autoras).

As autoras explanam, mesmo que o espaço interno não seja suficiente, é importante que ao menos uma caixa com roupas, acessórios e utensílios esteja presente, mas apenas isso não é suficiente, pois é primordial a organização do tempo para que a brincadeira tenha possibilidade de acontecer.

Pensar na organização do espaço da educação infantil na perspectiva da Teoria Histórico-Cultural é considerar as crianças como capazes de explorar esse espaço como parte de sua vivência, desse modo, é importante considerar que o espaço pode ser impulsionador ou inibidor das aprendizagens. Cabe aos professores observar, acompanhar, interpretar a necessidade do seu grupo de crianças e organizar intencionalmente o espaço para provocar a curiosidade e a atividade da criança, promovendo um espaço acolhedor, desafiador, instigante e seguro, seja na sala de referência ou no ambiente externo (MELLO, 2015; SOUTO, GIL, SAITO, 2015).

Em relação a ampliação de repertório, pode-se considerar uma das etapas do projeto da turma (LONDRINA, 2018), a qual o professor poderá atuar de maneira a enriquecer culturalmente a realidade social das crianças. Nesse contexto, cabe ao professor introduzir os elementos da cultura elaborada nas práticas pedagógica dia a dia. Pondera-se, por exemplo, substituir imagens estereotipadas pelas reais em todas as situações possíveis, documentários no lugar de desenhos, músicas elaboradas no lugar das musiquinhas repetitivas, são pequenas ações que representam grandes mudanças para o repertório infantil.

Brigatto (2018) explora possibilidades de intervenção intencional do professor de educação infantil na brincadeira de papéis sociais com a temática de restaurantes. A autora, que também é a pesquisadora da ação, considerou toda a situação social das crianças do grupo e notou que, as crianças, não possuíam repertório para o desenvolvimento de uma brincadeira de restaurante, visto que, elas não conheciam um restaurante e não sabiam como o mesmo funcionava.

Nos encontros que seguiram, a professora inseriu no planejamento, momentos para enriquecer o repertório das crianças para

possibilitar que a brincadeira ocorra. Destacou uma sessão de filme, que abordou a temática, apresentou objetos que fazem parte do universo de um restaurante, elaborou um roteiro de entrevista para fazer um diálogo com a cozinheira da escola, apresentou música que abordava os gestos referente aos objetos da temática e por fim, visitou um restaurante real no qual puderam observar a dinâmica do local. Nesta situação explorada por Brigatto (2018), é importante ressaltar que cada possibilidade didática está relacionada a um ou mais campos de experiência. As possibilidades se seguiram até o momento da culminância, que foi a brincadeira de fato.

Conforme observa-se em relação ao trabalho de Brigatto (2018), as contribuições de possibilidades didáticas são muitas, principalmente se pensarmos nos momentos anteriores à brincadeira, ou seja, organização do tempo, espaço e aumento de repertório. No entanto, ressaltamos o cuidado essencial no momento das intervenções na brincadeira, a nosso ver, o tempo da criança também precisa ser respeitado.

Notem que as possibilidades não estão isoladas do dia a dia da instituição. A depender do projeto da turma, as possibilidades didáticas são inúmeras, o que é importante destacar é que, a apropriação da teoria, por parte dos professores, baliza inúmeras possibilidades de enriquecer o repertório das crianças, buscando elementos da cultura elaborada, inserindo nas práticas pedagógicas de maneira intencional.

Conclusões

A compreensão de infância, criança, humanização e educação na Teoria Histórico-Cultural traz implicações importantes a serem consideradas para o processo educativo na educação infantil. Suas especificidades ressaltam a necessidade de negar a antecipação da escolarização como uma etapa meramente preparatória.

Apesar deste estudo voltar-se para a brincadeira de papéis enquanto atividade guia do período da idade pré-escolar é importante ressaltar que as crianças desta faixa etária não passam o tempo todo brincando, ao contrário, essa atividade cria nelas novas necessidades. Neste período, as

crianças também se envolvem em atividades produtivas, tais como: desenho, modelagem e construções. Para além disso, a brincadeira de papéis podem engendrar as condições adequadas para o desenvolvimento da atividade de estudo, o que não acontecerá por meio do ensino forçado.

Pautamos pela defesa incondicional de que o tempo e espaço da educação infantil são condição de aprendizagens e de apropriação da cultura historicamente elaborada pela humanidade. A garantia desses elementos perpassa pela organização intencional das ações pedagógicas dos professores dessas instituições, por isso, reiteramos a importância de uma intervenção conscientemente orientada para o desenvolvimento das crianças.

Assim, a compreensão acerca da atividade guia da criança no período da idade pré-escolar, a brincadeira de papéis sociais, possibilita aos professores a liberdade de reflexão sobre as ações pedagógicas necessárias para organizar tempo, espaço, ampliar repertório e possibilitar condições adequadas para que a brincadeira, de fato, aconteça.

Agradecimentos

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Referências

BRIGATTO, F. O. **A intervenção pedagógica no jogo de papéis em contexto escolar: estudo teórico-prático à luz da psicologia histórico-cultural e pedagógica histórico-crítica.** 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2018.

ELKONIN, D. B. Desarrollo psíquico del niño desde el nacimiento hasta el ingreso em la escuela. In: SMIRNOV, A. A. et al. **Psicologia.** México: Grijalbo, 1960. p. 504- 522.

ELKONIN, D. B. **Psicologia do jogo.** São Paulo: Editora WMF Martins Fontes. 2009.

ELKONIN, D. B. Sobre el problema de la periodizacion del desarrollol psíquico en la infância. In: Davidov, V.; Shuare, M. **La psicologia evolutiva y pedagógica en la URSS**. Moscu: Progresso, p. 104-123. 1987.

GIL, A. C. Como classificar as pesquisas? In: GIL, A. C. (Org.). **Como Elaborar Projetos de Pesquisa.** 5.ed. São Paulo: Atlas, 2010. p. 25-43.

LAZARETTI, L. M. **Daniil Borisovich Elkonin: Um estudo das ideias de um ilustre (des)conhecido no Brasil.** 2008. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – Universidade Estadual Paulista, Assis, 2008.

LAZARETTI, L. M. Idade pré-escolar (3-6 anos) e a Educação Infantil: a brincadeira de papéis sociais e o ensino sistematizado. In: MARTINS, L. M.; ABRANTES, A. A.; FACCI, M. G. D. **Periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico:** do nascimento à velhice. Campinas: Autores Associados. 2016. p. 129-147.

LEONTIEV, A. N. Os princípios psicológicos da brincadeira pré-escolar. In: Vigotskii, L. S.; Luria, A. R.; Leontiev, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 14. ed. São Paulo: Ícone, p. 119-142. 2016.

LONDRINA. **Caderno de orientações para o trabalho pedagógico na Educação Infantil**. Secretaria Municipal de Educação. Gerência de Educação Infantil, 2018. Disponível em: http://www.londrina.pr.gov.br/dados/images/stories/Storage/sec_educacao/ed_infantil/cad_orietacoes_edinf-18-2.pdf Acesso em 18 ago. 2019.

MAGALHÃES, C.; LAZARETTI, L. M. Acolher, explorar, brincar e conhecer: reflexões sobre o espaço como potencializador das aprendizagens de bebês e crianças na educação infantil. In: MAGALHÃES, C.; EIDT, N. M. **Apropriações teóricas suas implicações na educação infantil.** Curitiba, PR: Editora CRV, 2019. p. 149-162.

MELLO, S. A. Contribuições da Teoria Histórico-Cultural para a educação da infância. **Revista Cadernos de Educação,** n. 50, p. 1-12. 2015.

MUKHINA, V. **Psicologia da idade pré-escolar.** São Paulo: Martins Fontes.1996.

PASQUALINI, J. C.; EIDT, N. M. Periodização do desenvolvimento psíquico e ações educativas. In: PASQUALINI, J. C.; TSUHAKO, Y. (Orgs). **Proposta pedagógica para a Educação Infantil do Sistema Municipal de Ensino de Bauru/SP.** 1ed.Bauru: Secretaria Municipal de Educação de Bauru, 2016, p. 101-144.

PASQUALINI, J. Periodização do desenvolvimento psíquico à luz da Escola de Vigotski: a teoria histórico-cultural do desenvolvimento infantil e suas implicações pedagógicas. In: MARSIGLIA, A. C. G. (Org) **Infância e pedagogia histórico-crítica.** Campinas: Autores Associados, p. 71-97, 2013.

PASQUALINI, J. C. Contribuição ao debate sobre o problema da preparação para a escola de ensino fundamental na educação infantil. **Revista Teoria e Prática da Educação,** v. 17, n. 3, p. 93-106. 2014.

PRESTES, Z. **Quando não é quase a mesma coisa.** Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

SOUTO, D. L.; GIL, G. F.; SAITO, H. T. I. A organização do espaço na educação infantil: algumas reflexões. In: XII Congresso Nacional de Educação, 2015, Curitiba. **Anais [...].** Curitiba: PUC, PR, 2015. p. 25437-25447.

SOUZA, R. A. M.; OLIVEIRA, N. T. G. R.; CRUZ, L. C. S. A teoria histórico-cultural como possibilidade para o pensar e o agir docente na educação infantil: o triplo protagonismo entre a criança, o professor e a cultura. **Revista Zero-a-seis**, v. 20, n. 38, p. 322-338, jul-dez. 2018.